

SIMPÓSIO AT041

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE EXALTAM O SURDO COMO LEITOR AUTÔNOMO E COMPETENTE PELA COMPREENSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO DA LIBRAS.

RODRIGUES-MOURA, Débora.
IFSP (Instituto Federal de São Paulo)
ddrodriguesmoura@gmail.com

Resumo:

O ensino-aprendizagem da leitura da Língua Portuguesa por Surdos é desafiador. Ainda discute-se se deve ocorrer por meio da tradução para a Libras ou sem a interferência do idioma. Apesar disso, parece ser consensual que sua inclusão linguística, pedagógica e social vincula-se ao aprendizado da língua escrita, como meio de empoderamento, de agência e de potencialização de escolhas. Assim, esse trabalho tem como objetivo socializar experiências, nas quais a concepção de leitura da Língua Portuguesa precisou ser (re) construída, uma vez que primava por uma prática de decodificação, pela atribuição de palavra-sinal, o que não fazia sentido para os aprendizes. Teve como base livros paradidáticos e pesquisas escolares, realizadas por diferentes turmas do Ensino Fundamental II, de uma Escola Bilíngue para Surdos do Município de São Paulo, que culminaram em registros diversos desse processo. Reuniram-se dados que apontam que o letramento ocorreu, tanto em Libras quanto em Língua Portuguesa; que a concepção de leitura deve transgredir para além do significado de palavras isoladas; que os sentidos e significados das mensagens escritas devem ser negociados em Libras; que a leitura de mundo deve ampliada, para que ganhe uma dimensão desejável no que tange autonomia e competência leitora.

Palavras-chave: Surdez; Língua de Sinais; Leitura e Língua Portuguesa.

Resumen

El proceso de enseñanza- aprendizaje de la lectura en Lengua Portuguesa por Sordos es desafiador. Todavía se discute si debe ocurrir por medio de la traducción para la Lengua de Señas Brasileña o sin la interferencia del idioma. A pesar de eso, parece ser consensual que su inclusión lingüística, pedagógica y social se vincula al aprendizaje de la lengua escrita como medio de empoderamiento de agencia y de potenciación de decisiones. Así, ese trabajo tiene como objetivo socializar experiencias, en las cuales la concepción de lectura de la Lengua Portuguesa tuvo que ser (re) construida, una vez que primaba por una práctica de descodificación, por la atribución de palabra-seña, lo que no tenía significado para los estudiantes. Tuvo como base libros de

textos y pesquisa escolar realizadas por diferentes grupos de la Enseñanza Básica de una escuela bilingüe del Municipio de São Paulo que culminaron en registros diversos de eso proceso. Fueron reunidos datos que muestran que el alfabetismo ocurrió en la Lengua de Señas Brasileña y también en Lengua Portuguesa que la concepción de lectura traspone más allá del significado de las palabras aisladas; que los sentidos y significados de los mensajes escritos deben ser negociados en Lengua de Señas Brasileña; que la lectura de mundo debe ser ampliada, para que gane una dimensión deseable en lo que comprende autonomía y competencia lectora.

Palabras clave: sordera; lengua de señas; lectura y lengua portuguesa.

Introdução

O ensino-aprendizagem da língua escrita por Surdos é um tema que suscita muitas discussões. Observa-se que os debates têm se desvencilhado, cada vez mais, do ensino da oralização como pré-requisito para o seu aprendizado e a Língua de Sinais tem ocupado, na maioria pesquisas, o status de primeira língua dos sujeitos surdos. Assim é inegável que a Educação Bilíngue para Surdos, almejada por essa comunidade, ganha legitimidade inclusive na legislação brasileira pelo Decreto 5.626/2005, pelo menos nos discursos. Apesar disso, é fato que as práticas pedagógicas ditas bilíngues ainda parecem trazer em seu âmbito a ideia de que é possível ensinar a Língua Portuguesa escrita para surdos considerando a correspondência biunívoca entre palavras escritas e sinais da Libras, desconsiderando o funcionamento linguístico e as estruturas diferentes inerente aos dois idiomas envolvidos. Conforme denuncia Karnopp (2008):

O ensino da língua portuguesa em geral apresenta-se desvinculado do conhecimento de mundo e do conhecimento linguístico dos alunos. Desconsidera-se que a língua de sinais nas práticas de leitura e escrita, priorizando um tipo de leitura preso à gramática da língua portuguesa, tendo sinais como apoio e limitando a tradução dos enunciados do português, ou seja, na escola busca-se uma correspondência estreita entre a língua portuguesa e a língua de sinais, subordinando os sinais à estrutura sintática da língua portuguesa. Consequentemente, práticas de exercitação gramatical são impostas aos surdos sem considerar a diferença linguística e cultural dos mesmos. Predomina, na escola, a leitura do professor, desconsiderando as possibilidades de leitura dos alunos surdos e

desconsiderando a leitura como tradução. (KARNOPP, 2008, p.78)

Nessa arena em que a Língua de Sinais é preterida pelo fato de não ocupar o papel de primeira língua ou de língua do pensamento as ineficácias acabam por atribuir aos surdos uma culpabilidade pelo próprio fracasso. Vieira (2014) ilustra como as práticas que utilizam a Libras como ferramenta para o aprendizado da língua escrita tornam-se distantes de atingir a compreensão da leitura por parte dos Surdos e reforçam o mito desses como leitores e escritores incompetentes.

Salienta-se ainda que o entendimento acerca do que é o Bilinguismo para Surdos pode ainda ocupar outra vertente, que se baseia nos pressupostos no Bilinguismo para ouvintes, no qual o ensino da segunda língua se dá por imersão, de preferência sem a interferência da primeira língua. Nessa perspectiva, defende-se que o surdo aprenda o português exercitando-o por meio desse próprio idioma. Chega-se até a mencionar que será positivo para a prática pedagógica se o docente que ensina a Língua Portuguesa para surdos não souber libras, visto que essa não é a língua foco (MANTOAN, 2005).

Diante dessa abrangência de interpretações acerca do Bilinguismo para Surdos é importante ressaltar que, nesse trabalho, esse é compreendido como uma prática que se difere do Bilinguismo para ouvintes por ter as suas especificidades. Pauta-se no Bilinguismo Diglótico, conforme expresso em Finau (2006), no qual a Língua Portuguesa é aprendida de maneira sistemática, como segunda língua, pelo fato dessa não poder ser adquirida espontaneamente pela pessoa surda, pelo próprio impedimento auditivo. Considera-se que, conforme expresso em Rodrigues-Moura (2015) a leitura por surdos ocorre por meio da negociação de sentidos e significados mediados pela Língua de Sinais, língua que, conforme SACKS (1998), habita o pensamento predominantemente visual das pessoas surdas, atinge uma qualidade inusitada e uma plenitude nas descrições, pautadas por um referencial espaço visual.

Desenvolvimento

Apesar da pluralidade de compreensões acerca do que se configura o Bilinguismo para surdos, parece ser consensual o desejo pela inclusão linguística, pedagógica, social desses sujeitos e que estas devem passar pelo aprendizado da língua escrita, como meio de empoderamento, de agência e de potencialização de suas escolhas.

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo socializar práticas, nas quais se considerou que os estudantes obtiveram êxito nesse percurso, mas que a concepção de leitura da Língua Portuguesa precisou ser (re) construída, uma vez que os estudantes primavam por uma prática de decodificação de símbolos, que ocorria correspondência biunívoca entre palavra-sinal e não permitia a produção de significados discursivos.

Foi realizado em uma Escola Municipal de Educação Bilingue para Surdos, da cidade de São Paulo, com três salas de Ensino Fundamental II, respectivamente 6º, 7º e 8º anos. Na época, a instituição denominava-se EMEE (Escola Municipal de Educação Especial), trabalhava, predominantemente, com os pressupostos da Comunicação Total e buscava aproximar-se de práticas bilingues, conforme a concepção defendida acima.

O trabalho foi realizado por cerca de dois anos, por três professoras, que observavam que, se a competência leitora não fosse trabalhada com estudantes como uma habilidade procedimental e significativa, conforme posto em Zabala (2010), haveria prejuízos latentes nas habilidades conceituais desses sujeitos, resultando num letramento muito aquém do esperado, tanto em Língua Portuguesa quanto em Libras, visto que uma língua incide no conhecimento de mundo da outra, num movimento de mão dupla.

O início desse projeto se deu a partir da solicitação de uma pesquisa aos estudantes. Salienta-se que ficaram muito felizes com a ideia, pois foi pedido que se dirigissem à Biblioteca Municipal mais próxima, fator diferencial não vivenciado por eles anteriormente. Após o aprendizado sobre o funcionamento desse espaço, os aprendizes voltaram muito contentes para a escola, com textos copiados dos livros. Quando questionados pelas docentes acerca do que

aprenderam, de maneira surpreendente, relataram que não haviam aprendido nada, visto que só tinha sido pedido que pesquisassem sobre um autor e não que aprendessem sobre ele. Observou-se que os discentes nem menos haviam lido o que copiaram, fazendo com que a prática se configurasse em um exercício mecânico e descaracterizando o que se entende sobre o conceito de pesquisa.

Diante da necessidade de ensiná-los a pesquisar, selecionar diferentes fontes, eger informações relevantes, ler, produzir textos e materiais de registro, etc. foi elaborado o projeto intitulado Brasil 500 anos.

Parte do conteúdo programático dos respectivos anos letivos foi planejado, de forma interdisciplinar, reunindo-se alguns dos objetivos conceituais, procedimentais e atitudinais, tendo como foco um tema que chamava a atenção dos estudantes, por estar em evidência na mídia. O tema se mostrou promissor para desenvolver: a compreensão do que era pesquisa; a competência de realizá-la, por meio do exercício da leitura e da escrita, mediada pela Língua de Sinais; a possibilidade da produção de um produto final coletivo, que se configurou num Livrão com registros realizados pelos estudantes acerca de suas descobertas.

Veio ao encontro de saberes que os estudantes precisavam desenvolver aliados às competências e habilidades. Contou com pesquisa em diversas fontes como livros paradidáticos, jornais, revistas e sites da internet. Houve momentos de leitura com negociação de sentidos e significados entre Língua Portuguesa e Libras, conforme posto em Rodrigues-Moura (2015); produções de textos individuais e coletivas, que contribuíram para aprenizado de gêneros textuais diferentes, aquisição de vocabulário em Língua Portuguesa e em Libras; abarcou o funcionamento linguístico da Língua Portuguesa escrita tanto no que cerne os aspectos gramaticais quanto os discursivos; solicitou ilustrações; apresentação de seminários e produção de registros em papel e em computador.

No tema Brasil 500 anos foram trabalhadas vários itens como: vida das pessoas que chegaram nas grandes navegações; o Brasil e seus 500 anos; indígenas e negros escravizados; influências indígena, africana e portuguesa na culinária, na religião e nas danças brasileiras; Folclore Brasileiro; Eleições e as Olimpíadas. Alguns dos temas se transformaram em subprojetos.

Considerações Finais:

O trabalho propiciou vivenciar de forma prática o uso da leitura e da escrita em práticas significativas com estudantes surdos. No produto final do projeto desenvolvido é possível observar a dedicação dos aprendizes, o capricho e o comprometimento com a realização das atividades.

Conforme Freitas (2014) utilizar estratégias com a leitura e escrita de gêneros textuais em grupos favorece a aprendizagem, pois ocorre a troca de experiências. Isso foi observado durante o processo e heterogeneidade das salas e dos aprendizes favoreceu a formação de agrupamentos produtivos. Nesse contexto, pelas interações com pares mais competentes, o grupo teve a oportunidade de criar Zonas de Desenvolvimento Proximal, conforme as explicitadas por Vygotsky (1994/1935).

Esse trabalho desencadeou tantos outros, com as mesmas turmas envolvidas, nos quais se destaca a leitura de livros paradidáticos infanto juvenis, que trouxeram grandes desafios, pelo fato de exigirem mudanças posturais frente à leitura, mas que resultaram em práticas autômas e no desenvolvimento do gosto pela leitura pelos estudantes surdos. Foi essencial compreender que, conforme posto em Lerner (2002), a leitura não precisa ser linear, ou seja, que não precisa consultar o significado de todas as palavras no dicionário ou simplesmente parar quando se desconhece uma palavra. É necessário que o aprendiz de segunda língua arrisque-se a ler pelo contexto e inferir sobre o significado de algumas palavras. A tarefa de ensiná-los a negociar os sentidos e significados, apesar de árdua, propiciou um domínio grandioso da leitura, não como mera decodificação. Questionou-se muito o

quanto essas práticas devem nortear o ensino da leitura e da escrita desde a mais tenra idade da criança surda.

Conforme Lerner:

"Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita..." (LERNER,2002, p.73).

Quando se compreende isso tanto docentes quanto discentes passam a adotar uma concepção de leitura que não permite se desvencilhar da compreensão, da extrapolação, das diferentes interpretações, etc.

Desse modo, foi possível perceber que o trabalho incidu diretamente nas informações e conhecimento de mundo dos estudantes surdos envolvidos e na própria postura dos estudantes diante da língua escrita.

Contudo, esses trabalhos culminaram diretamente em outras pesquisas, dessa vez realizadas de modo mais sistemático. Resultou em um mestrado RODRIGUES-MOURA (2008), na publicação livro sobre a temática RODRIGUES-MOURA (2015) e de vários outros artigos.

Referências:

BRASIL. **Decreto Nº 5.626 DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm > Acesso em 30 de maio de 2019.

FREITAS, Maly Magalhães. **Reflexões sobre o ensino de língua portuguesa para alunos surdos**. 1º Ed. Curitiba, 2014.

FINAU, Rossana. Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e linguística. In: QUADROS, Ronice Müller de. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola**. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre. Artmed, 2002.

KARNOPP, Lodenir Becker. Práticas de leitura e escrita em escolas de surdos In: **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2008, p. 65-79

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão promove a justiça. In: **Revista Nova Escola**. Maio/2005. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/maria-teresa-egler-mantoan/424431.shtml>. Acesso em 30.05.19.

RODRIGUES-MOURA, D. **O uso da Libras no ensino de leitura de Português como segunda língua para surdos**: um estudo de caso em uma perspectiva bilíngue. Dissertação de Mestrado: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

RODRIGUES-MOURA, Débora. **Libras e leitura de língua portuguesa para surdos**. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2015.

SACKS, OLIVER. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994/1935.

VIEIRA, Claudia Regina. **Bilinguismo e Inclusão**: problematizando a questão. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2014.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2010.